



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

NÁDIA MOCCATO

**A HISTÓRIA DE PROFESSORES NA TRAJETÓRIA DE
SUAS FORMAÇÕES IDENTITÁRIAS**

LONDRINA
2009

NÁDIA MOCCATO

A HISTÓRIA DE PROFESSORES NA TRAJETÓRIA DE SUAS FORMAÇÕES IDENTITÁRIAS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Londrina.

Orientador(a): Prof. Ms. Claudia Ximenez
Alves

LONDRINA
2009

NÁDIA MOSCATO

A HISTÓRIA DE PROFESSORES NA TRAJETÓRIA DE SUAS FORMAÇÕES IDENTITÁRIAS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Londrina.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Ms. Claudia Ximenez Alves
Universidade Estadual de Londrina
Orientadora

Profa. Sra. Sueli Rufini
Universidade Estadual de Londrina

Prof.Dr. Marcos Jorge
Universidade Estadual de Londrina

Profa. Dra. Maria Cristina Marquezini
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, _____ de _____ de _____.

Às pessoas que mais amo neste mundo: meus pais.

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo amor incondicional.

Ao meu carinhoso marido Danilo por fazer meus dias serem mais especiais e alegres.

À minha querida orientadora Claudia Ximenez pelo estimado apoio, carinho e dedicação.

Aos meus amigos, colegas e professores da graduação, que de alguma forma ou de outra acompanharam este estudo.

Aos diretores e professoras da escola pela autorização e contribuição na coleta de informações, referentes ao estudo.

À Deus pela constante presença diária em minha vida

MOSCATO, Nádía. **A história de professores na trajetória de suas formações identitárias**, 2009. 52 Folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

RESUMO

Este estudo explicita e discute o processo de construção da identidade docente, bem como os significados estabelecidos nas relações sociais constituídas durante a infância, experiência escolar e profissional, com base em depoimentos e relatos de três educadoras da rede estadual de ensino, da cidade de Cambé - Paraná. Pretende-se, com tal investigação, perceber como a identidade docente se estabelece, focalizando o olhar sobre suas memórias autobiográficas. Esta pesquisa teve como objetivo compreender o processo de formação da identidade profissional, a partir de experiências narradas por educadores, ao longo de sua trajetória pessoal e profissional.

Palavras-chave: Formação de Professores; Identidade profissional; Memória.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 CARACTERIZANDO OS ESTUDOS ATUAIS SOBRE MEMÓRIA/AUTOBIOGRAFIAS NA EDUCAÇÃO	10
3 MEMÓRIA E IDENTIDADE	17
4 ANÁLISE DESCRITIVA DE MEMÓRIA DE PROFESSORES	25
CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS	38
ANEXOS	40
ANEXO A – Roteiro para entrevistas com os professores.....	41
ANEXO B – Entrevistas transcritas.....	44

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a formação identitária do Sujeito-Professor¹ nas diversas relações historicamente construídas, em um dado contexto social. A partir deste universo referencial, pretende-se compreender como as relações sociais estabelecidas dentro ou fora da instituição escolar na história de vida de um sujeito-professor, o influenciaram na construção de sua identidade docente, bem como a relação dialética que per fez seu eu pessoal e o seu eu profissional.

Partimos da premissa de que a formação do sujeito não se estrutura apenas a partir de fatores biológicos natos, sendo responsável, também, e principalmente, a relação dialética entre indivíduo e sociedade em um processo historicamente construído por este sujeito. Nesse sentido, o sujeito só se constitui porque está inserido em contextos sociais estabelecidos, os quais organizam e complementam a construção de sua identidade.

A possibilidade de o sujeito atribuir sentidos diversos ao socialmente estabelecido demarca a condição de autor, pois, embora essa possibilidade seja circunscrita às condições sócio-históricas do contexto em que se insere, que o caracteriza como ator, a relação estabelecida com a cultura é ativa, marcada por movimentos de aceitação, oposição, confronto, indiferença. (ZANELLA, 2004, p. 132)

Concretizar-se como sujeito, nesta perspectiva, significa, conforme afirma Matos, Castanho e Ferreira (2003), adotar uma identidade que lhe fora atribuída socialmente para, posteriormente, materializá-la e interiorizá-la, assumindo, assim, uma posição particular e singular. Neste sentido, o indivíduo adquire suas características pessoais a partir de um reflexo das relações sociais ou intersubjetivas.

Segundo Matos, Castanho e Ferreira (2003, p.3):

[...] a identidade é pressuposta a partir da relação do indivíduo com os significados socialmente compartilhados, no plano intersubjetivo e

¹ “Sujeito-professor” trata-se de um termo pensado aqui, neste estudo, como sendo representativo do referencial teórico-metodológico adotado. Nele cabe pensar e considerar o sujeito desta pesquisa como sendo sujeito e objeto da mesma, numa relação intrínseca e indissociável.

mediado por “outro” indivíduo. Posteriormente, ocorre a adoção de uma posição que não coincide de forma isomórfica com o conteúdo intersubjetivo, posto que sofre uma síntese e elaboração individual de sentido de ser transportada para o âmbito intrasubjetivo.

O indivíduo não apenas absorve as características, valores, crenças ou atributos contidos nas relações sociais, mas os analisa e os recompõem a sua maneira quando os interioriza. Porém, vale ressaltar que nem todos os indivíduos inseridos em um mesmo contexto histórico reagem de modo semelhante aos estímulos sociais, existindo ainda aqueles que desejam ser o que não são, uma síntese inacabada do sujeito, ou seja, “é o para-si buscando o em-si, é a negação do ser visando ao ser, como tentativa de tornar-se este ser”. Não há plenitude afirmativa, pois o mesmo não consegue transformar-se em em-si, assumindo uma posição de negação (MAHEIRIE, 2002, P. 36).

O objetivo deste projeto de trabalho de conclusão de curso é analisar de que maneira as relações sociais estabelecidas dentro ou fora da escola na história de escolarização de um sujeito-professor podem influenciar na formação da identidade deste sujeito, bem como na ação pedagógica de e em sua prática docente, levando em consideração o contexto sócio-histórico em que este está inserido. Neste sentido, este estudo pretende refletir sobre a relação dialética que perfaz o eu pessoal e o eu profissional de alguns profissionais da educação, visto a partir de suas memórias autobiográficas.

A metodologia desta pesquisa consistiu em entrevistas semi-estruturadas, a partir das quais se construiu em um espaço dialógico e de reflexão entre o investigador-pesquisador e as entrevistadas.

As narrativas de infância, de vida escolar e experiência profissional de três educadoras foram o ponto de partida para discutir as relações dessas educadoras com aspectos de sua infância, de sua experiência escolar e profissional e com o grupo social que fora estabelecido durante o processo de construção de suas identidades pessoais e profissionais.

A possibilidade de evocar, através das memórias destas professoras, imagens significativas vivenciadas no passado e de relacioná-las com o que é vivenciado no tempo atual revela um processo de resignificação de vivências, tanto das passadas como das presentes e futuras, ou seja, do que se viveu, do que se vive, do

que se procura manter ou experimentar futuramente (FERNANDES, 2002, p.82).

A pesquisa em questão consistiu em analisar como a identidade docente é construída ao longo da história de vida. A metodologia deste estudo consistiu em entrevistas orais semi-estruturadas, as quais participaram três professoras da rede estadual de ensino da cidade de Cambé-Paraná, com idades entre 32 a 50 anos e com dedicação à profissão entre 10 a 20 anos. Foram realizados três encontros distintos, com duração de uma hora aproximadamente, cada um. As entrevistas foram gravadas e transcritas.

Para o êxito deste estudo, primeiramente foi realizada uma revisão bibliográfica caracterizando os estudos atuais acerca de memórias de professores, na educação, no Brasil, bem como, sua importância na compreensão do processo de formação dos professores, suas práticas de ensino e vida profissional.

No segundo capítulo, através de uma revisão bibliográfica, analisamos como as memórias reconstruídas, por educadores, nos auxiliam a enxergar o professor inserido na história de vida de seu tempo. Estas memórias são construções e reconstruções de memórias coletivas e individuais, as quais são responsáveis pelo processo de construção de sua identidade profissional.

No terceiro capítulo optamos por recortes de alguns trechos referentes aos relatos de memórias que nos permitiram articular ideias a respeito da constituição das identidades destes sujeitos, observando elementos que permearam desde a meninice até experiências escolares, profissionais, bem como, o universo social de lugares em que cresceram, vivências e práticas educativas enquanto estudantes e educadoras.

Num tempo veloz e fugaz, em que a alienação, o isolamento e o silenciamento das experiências, nos forçam a perder nossa memória coletiva, lembrar e compartilhar memórias é uma ação rebelde que adquire um caráter de resistência política. A memória compartilhada é uma forma de não sucumbir ao esquecimento que o tempo acelerado da vida social nos impõe.

Carmen Lúcia Vidal Pérez

1 CARACTERIZANDO OS ESTUDOS ATUAIS SOBRE MEMÓRIA/AUTOBIOGRAFIAS NA EDUCAÇÃO

Embora o uso de relatos de histórias de vida como instrumento de análise biográfica seja recente na área de educação, é sabido que ele foi empregado nos anos 1920 e 1930 pelos sociólogos da Escola de Chicago², entusiasmados em alcançar respostas à sociologia positivista³.

Não obstante seu caráter complexo e multifacetado, o campo de estudo da memória social parece ter recebido dos seus pioneiros – M. Halbwachs e F. C. Bartlett – uma influência unificadora básica, significativa até hoje. Trata-se da proposição comum de que a memória humana não é uma reprodução das experiências passadas, e sim uma construção, que se faz a partir daquelas, por certo, mas em função da realidade presente e com o apoio de recursos proporcionados pela sociedade e pela cultura (SÁ, 2007).

²A Escola de Chicago foi a pioneira no que se refere a tomar uma cidade como seu objeto privilegiado de investigação. Distinguiu-se pela produção de conhecimentos voltados à situações sociais concretas, as quais a cidade de Chicago enfrentava. Estes estudos referiam-se a questões envolvendo imigração, crescimento demográfico, delinqüência, criminalidade, conflitos étnicos, guetos de diferentes nacionalidades geradores de segregação urbana, concentração populacional excessiva e suas condições de vida e de infra-estrutura precárias, que favoreceram a formulação da Escola tomando a cidade como “problema”, o que dificultou a articulação de um pensamento com maior grau de abstração acerca da mesma.

³Comte enfatiza a idéia do homem como um ser social e propõe o estudo científico da sociedade: afirma que, assim como há uma Física da Natureza, deve haver uma Física do Social, a Sociologia, que deveria estudar os fatos humanos usando procedimentos, métodos e técnicas empregados pelas ciências da Natureza.

As entrevistas de histórias de vida ou narrativas autobiográficas têm auxiliado no entendimento das investigações referentes aos caminhos pessoais e profissionais de docentes no campo da educação profissional. Nesse contexto, o método biográfico apresenta-se como opção e alternativa para fazer a mediação entre as ações e a estrutura, ou seja, entre a história individual e a história social. As abordagens autobiográficas na área da educação têm sido cada vez mais utilizadas na formação de professores, priorizando o papel do sujeito na formação, ou seja, “o que quer dizer que a própria pessoa se forma mediante a apropriação de seu percurso de vida, ou do percurso de sua vida escolar.” (BUENO, 2002, p.22)

Ao lançarmos um olhar sobre o uso de memórias para compreendermos a formação dos professores, temos a oportunidade de ajudá-los a refazerem seus percursos e repensarem também suas práticas de ensino e vida profissional.

A importância do trabalho com memórias, segundo Catani (1998) favorece o entendimento que os próprios professores têm de suas práticas docentes, colocando à mostra a força que a história pessoal pode exercer na formação destes agentes. A recuperação destas histórias de relações com a escola, as leituras, os conhecimentos, os professores e as disciplinas escolares ganham maior ênfase em suas histórias pessoais. “Pensa-se que as próprias práticas profissionais dos indivíduos enquanto docentes devem muito aos processos formadores que eles próprios experimentaram ao longo de seu desenvolvimento” (CATANI, 1998, p.29).

Esta investigação ante a problemática em questão é um recurso de investigação científica com expansiva tradição no campo das ciências humanas, especialmente na sociologia, psicologia e história.

Na área da educação, o uso de memórias autobiográficas ou histórias de vida está a cada dia se proliferando mais, contribuindo assim, para uma compreensão mais consciente da formação docente. É assim que a pesquisa com memórias autobiográficas na educação destaca-se a partir das décadas de 1970 e 1980, com o emprego da história oral.

Na década de 1980 a memória passa a ser utilizada no campo da sociologia, destacando assim um contínuo reconhecimento de seu estatuto científico enquanto método autônomo de investigação (BURNIER et al, 2007).

Neste sentido, trabalhos de autores como Nóvoa(1992), Huberman(1992), Dubar(1997), Goodson(1992), Dominicé(1990), Ferrarotti(1998), Abrahão(2004), Antunes(2001), Cunha; Machado(2004), Souza (1998), Thompson (1992), Bem-Peretz(1992); Holly(1992), Stivanin(2007), Bergson(1999), Bosi (1999), Le Goff (1996),Oliveira (2001); Queiroz (1988), Lemos (2006) e Catani (1998) apresentam contribuições significativas para as pesquisas que buscam investigar a memória docente e processos formativos(BURNIER et al, 2007).

As histórias de vida e os estudos autobiográficos como metodologias de investigação científica na área de Educação ganharam visível impulso no Brasil nos últimos quinze anos, todavia, o processo de aprendizagem do professor, bem como os relatos de sua vida profissional vêm sendo, desde pouco tempo atrás, bastante polêmicos, principalmente do ponto de vista de seu caráter de cientificidade nos estudos em educação.

As experiências de vida relatadas eram vistas anteriormente como não-científicas, portanto, não merecedoras de valor científico. Havia a desqualificação destas experiências e a desvalorização do professor enquanto sujeito histórico (CATANI et al, 1997).

Nunes e Cunha (2005) consideram que a partir da década de 1990, após o aparecimento de algumas discussões a respeito do saber docente e do ofício do professor, é que começa a despontar no Brasil um período de expansão e utilização de métodos biográficos, com teóricos e pesquisadores analisando sua singularidade nas pesquisas sobre a formação docente.

Assim, a década de 1990 traz grandes mudanças, apresentando um excelente desenvolvimento dos estudos a respeito de histórias de vida ou memórias autobiográficas. As discussões a respeito da formação docente, especialmente questões envolvendo sua profissionalização, intensificaram a partir da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96), a partir da qual os professores e pedagogos passaram a ser denominados profissionais da Educação, surgindo assim discussões acerca do saber docente, assim como a propagação de estudos dos métodos biográficos. Alguns dados obtidos no Banco de Teses da CAPES informam que o ano de 1995 foi um período decisivo no crescimento de estudos e pesquisas com histórias de vida (BUENO et al, 2006).

Entre 1990 e 1994 ocorreu em média a produção de dois a quatro trabalhos de pesquisa anuais referentes ao tema. Já em 1995, podemos encontrar uma média de quatorze trabalhos, sendo dez mestrados e quatro doutorados. Ainda segundo a autora, a ativação destes estudos começou logo a ser percebida, como por exemplo, em 1996 quando ocorreu o 1º Seminário Docência, Memória e Gênero na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP, no qual foram recebidos aproximadamente quarenta propostas de trabalhos concluídos ou ainda em desenvolvimento, relativos aos estudos autobiográficos e com histórias de vida de professores.

As intensas e propulsoras produções destes trabalhos mostram o interesse às autobiográficas e histórias de vida, bem como as inter-relações pessoais e profissionais existentes na construção da formação docente.

[...] Assim, é que se buscam compreender especificidades da atuação de grupos de profissionais docentes, de áreas e disciplinas diversas, pela alternativa das histórias de vida como procedimentos de pesquisa. Ampliam-se igualmente as referências às autobiografias e o gênero (literário) passa a ser valorizado pela sua contribuição ao entendimento de especificidades da vida escolar, do exercício da profissão docente, da construção de representações e relações com a escola e o conhecimento, entre outras. (BUENO et al, p. 394, 2006)

Sendo assim, estes estudos sobre as histórias de vida de professores mostram o interesse e a preocupação pelo sujeito-professor, olhares voltados não apenas às suas práticas de ensino ou competências técnicas, mas também, e sobretudo, para a importância em se compreender as representações e valores construídos pelo professor acerca da profissão docente, na interface entre as dimensões pessoal e profissional.

Ou seja, no processo de elaboração de sua narrativa há sempre a tentativa de uma comunicação, mesmo que seja com um interlocutor imaginário, como é o que muitas vezes acontece com os diários íntimos. Tanto mais isto se aplica à situação da entrevista, na qual o pesquisador é quem estimula e recolhe a narrativa. Quem conta a sua vida, não conta a um gravador mas sim a um indivíduo. Além do mais, sua narrativa não é um relatório de acontecimentos, mas a totalidade de uma experiência de vida que ali se comunica. Disto se evidencia o caráter de intencionalidade comunicativa da narrativa autobiográfica e, por isso, por mais que se pretenda escamotear, "toda entrevista é uma interação social completa, um sistema de papéis, expectativas, de injunções, de normas e valores implícitos, e por vezes até de sanções". (BUENO, p.20, 2002)

Portanto, o trabalho com relatos de histórias de vida firma-se na ideia de reflexão acerca da reconstituição da história individual de relações e experiências com a escola, conhecimento, leitura e escrita, permitindo interpretações valiosas sobre si próprio e a prática docente, possibilitando assim novos olhares sob os processos formativos, considerando a memória docente construída e refletida a partir do processo de tornar-se aluno e professor (CATANI et al, 1997).

[...] Ao reconhecemos no recurso ao texto autobiográfico imensas potencialidades, estamos constatando também a necessidade de explorar nos domínios interdisciplinares da história, da sociologia e da psicologia os fundamentos que tornam possível a análise dos cruzamentos temáticos acerca da memória e da educação (CATANI et al, p.16, 1997).

Neste contexto, em uma história oral ou história de vida, as observações analisadas e reinterpretadas ante o exercício da docência não cabem apenas às dimensões profissionais ou metodológicas, mas também incluem as significações adquiridas nas relações sociais e experiências vivenciadas no contexto escolar e fora dele, do qual este sujeito-professor esteve ou está inserido. Argumentar nestes termos, conforme Bueno (2002) significa refazer o processo, analisando a formação do professor, cujo início se situa muito antes do ingresso nos cursos de habilitação, ou seja, desde o começo de sua escolarização ou até mesmo antes destes terem prosseguimento no percurso profissional enquanto docentes.

Este pensamento indica que é necessário analisar a história de vida e de formação intelectual dos professores, considerando que tanto os professores como os futuros mestres poderão se transformar em agentes principais desse processo.

No trabalho com memórias autobiográficas, é muito expressiva a forma como os professores reconstróem a percepção de suas próprias práticas profissionais, assim como também a compreensão de suas histórias individuais, através da recriação de sua memória, circunstâncias estas geralmente evidentes no trabalho com relatos orais. “Através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros” (CATANI, p. 19, 1997).

Josso (1999) aponta que estas histórias de vida ou memórias autobiográficas compreendem a totalidade da vida em todos os seus registros, nas dimensões passadas, presentes e futuras. Sendo assim, quando um sujeito é

convidado a “trabalhar” seu relato autobiográfico, ele consegue colocar seu desejo em projeto, desenvolvendo, desta forma, a capacidade de projeção de si mesmo e de autonomização. Utilizar a história de vida ou memórias autobiográficas como um instrumento de análise, representa testemunhar a vitalidade do trabalho no campo da formação, da auto formação e dos processos que os caracterizam em torno de uma perspectiva ético-epistemológica.

[...] é preciso frisar a necessidade de um trabalho de diferenciação, e, portanto de clarificação, de projetos e de práticas de relatos autobiográficos, de abordagens, de experiências e de histórias de vida, a fim de nomear mais explicitamente, se necessário, as opções fundadoras do projeto educativo subjacente centrado sobre o formativo *versus* o prescritivo que reuniriam o conjunto dessas práticas, e dizer no que elas (práticas e opções) questionam e se situam em ruptura com a concepção e as práticas escolares ainda dominantes na formação inicial e contínua, geral ou profissional. (JOSSO, 1999, p.21)

As lembranças das histórias de vida nos auxiliam a enxergar o professor em sua relação com a história do seu tempo, em um processo de construção e reconstrução de memórias coletivas e individuais, das quais são relembradas e refletidas sob olhares voltados ao passado e ao presente.

[...] Ao lançar um olhar mais detido e mais arguto sobre seu passado, os professores têm a oportunidade de refazer seus próprios percursos, e a análise dos mesmos tem uma série de desdobramentos que se revelam férteis para a instauração de práticas de formação. Tal exercício, ao mesmo tempo que os leva a desenvolver um trabalho de desconstrução das imagens que a memória guardou de sua profissão, possibilita que eles reconstruam um modo próprio de se perceberem. (CATANI, et al, 1997, p.32)

Nota-se, então, que a memória não fica apenas guardada no indivíduo, mas envolve-se e deixa-se envolver também nas relações sociais formadas durante sua vida.

Para Savelli (2006, p.96) “no memorial de professores (as) não há descrição do que se viveu, o que há de fato, é a interpretação do passado com os olhos voltados para o futuro que é o presente de hoje, sem ignorar para quem se narra e porque se narra.”

Nóvoa (1992) pondera que o trabalho com memórias de professores pode proporcionar um campo de possibilidades muito ricas para a pesquisa educacional, já que o trabalho com narrativas memorialísticas ou autobiográficas permite uma aproximação mais sensível da vida, das experiências e

dos valores presentes nas histórias de vida destes professores. Ainda segundo o autor, a interpretação destas narrativas deve ajudar a solucionar os dilemas educativos atuais, normalizando, desta maneira, as ações.

Catani et al(1997) considera que o uso destas narrativas memorialísticas ou autobiográficas nas pesquisas em educação se configura como um recurso metodológico em potencial, pois favorece a compreensão, ou seja

Ao serem trabalhados, esses relatos favorecem o redimensionamento das experiências de formação e das trajetórias profissionais e tendem a fazer com que se infiltrem na prática atual novas opções, novas buscas e novos modos de conduzir o ensino.(CATANI et al, 1997, p.18)

Bueno (2002) considera que o método autobiográfico pode ser utilizado sob duas maneiras, tanto por meio de materiais biográficos primários relativos às narrativas ou relatos autobiográficos recolhidos por um pesquisador através de entrevistas pessoais, quanto por materiais biográficos secundários, tais como correspondências, diários, documentos oficiais, fotografias, entre outros.

Cabe dizer que, neste estudo, buscaremos salientar os relatos autobiográficos como fonte de pesquisa, destacando seus valores evidentes, tais como a intensa interação social construído entre o pesquisador e o entrevistado.

Neste sentido, tanto no trabalho com relatos orais ou narrativas autobiográficas, como no trabalho com relatos escritos, aflui-se o desejo de se compreender a própria história num estímulo de recriação da memória individual ajustada pela memória coletiva da história da profissão (CATANI et al, 1997).

O estudo com narrativas possibilita ao pesquisador a compreensão do sujeito-professor em relação à história de seu tempo, vivenciada ao longo de sua vida pessoal e profissional.

...o que a memória grava, recalca, exclui, relembra, é o resultado de um trabalho de organização, de (re)construção. Uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta, de fato, uma representação seletiva do passado”. (SAVELI, 2006, p.98)

Parafraseando Saveli (2006), as memórias valem tanto pela explosão de palavras, imagens, sentimentos, quanto pelos seus silêncios e lacunas, sendo, nesse sentido, lados opostos de uma mesma moeda.

2 MEMÓRIA E IDENTIDADE

“O que eu queria ser quando crescesse? Professora é claro!”

Esta fala nos remete à infância, quando muitos daqueles que dela faziam parte questionavam sobre o desejo de ser algo ou alguém na vida.

É possível constarmos professores referindo-se à sujeitos (também docentes) presentes em sua vida cotidiana como representativos e referenciados na sua trajetória profissional, enquanto professor? Eis um problema que pretendemos investigar neste estudo.

Como o professor, quando rememora sua trajetória de vida, desde sua infância, caracteriza sua identidade enquanto professor? Quais os elementos que ele elege como sendo significativos em sua história de vida para pensar na sua ação e fazeres enquanto docente?

De e em sua memória, o que podemos identificar para refletirmos sobre sua prática docente?

Alguns estudos de autores como Catani (1998), Novóia (1992), Bueno(2002), Bosi (1994) e Fernandes (2002), apontam a existência de histórias de vida carregadas por diversos e múltiplos valores, crenças, desejos e frustrações, coletadas em memórias individuais de muitos profissionais da educação dos dias de hoje, muitos dos quais responsáveis por sua identidade não só profissional, como também social.

Segundo Saveli (2006) as memórias reservam aspectos importantes da história de sua formação docente, da escolaridade, como também das relações estabelecidas dentro e fora da escola. Na profissão professor, não cabe evidenciar tão somente a racionalidade do método educativo empregado na prática educativa.

A prática docente é decorrência da relação de duas dimensões, uma subjetiva, representada pelas ideias, crenças, valores, emoções; e uma objetiva, representada pelos desafios enfrentados na vida escolar, familiar e social.

Visto por esta perspectiva, a ação do (a) professor (a) é fundamentada, segundo Saveli (2006), a partir de seu mundo cognitivo, entendendo-se aí as crenças, propósitos, intenções e construções pessoais.

[...] Tais decisões estão assentadas em um corpo de significados, conscientes ou inconscientes, que podem ter sua gênese nas experiências vividas, enquanto alunos, ao longo de sua carreira escolar, ou nas crenças difusas, porém, relevantes que dominam o pensamento pedagógico da escola ou da sociedade em geral. [...] São suas crenças e teorias implícitas que definem a maneira de planejar a sua conduta docente e pessoal (SAVELI, 2006, p.96).

As lembranças das histórias de vida nos auxiliam a enxergar o professor em sua relação com a história do seu tempo, em um processo de construção e reconstrução de memórias coletivas e individuais, das quais são relembradas e refletidas sob olhares voltados ao passado e ao presente.

[...] Ao lançar um olhar mais detido e mais arguto sobre seu passado, os professores têm a oportunidade de refazer seus próprios percursos, e a análise dos mesmos tem uma série de desdobramentos que se revelam férteis para a instauração de práticas de formação. Tal exercício, ao mesmo tempo que os leva a desenvolver um trabalho de desconstrução das imagens que a memória guardou de sua profissão, possibilita que eles reconstruam um modo próprio de se perceberem. (CATANI, et al, 1997, p.32)

... a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1994, p.46)

Parafraseando Bosi (1994) o passado sobrevive nas histórias de vida dos sujeitos através das lembranças que estes guardam e posteriormente reconstituem. “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, p.55).

Assim, a lembrança se distingue como uma imagem reconstruída de nosso passado, ou seja, por mais nítida que ela nos pareça, não será a mesma imagem que fora experimentada em nossa infância, adolescência ou início da vida

adulta, visto que não somos os mesmos daquela época e nossas percepções alteraram-se juntamente com nossas ideias, valores e crenças (BOSI, 1994).

Neste sentido, a maneira como cada sujeito se constitui socialmente está ligada às lembranças e experiências do passado no presente, das quais, através delas, o sujeito avalia e reavalia sua prática docente e formação profissional.

[...] Nesse processo de reflexão sobre seu percurso de vida, o indivíduo manifesta sua subjetividade e interpreta suas ações no plano individual e coletivo, na busca de significados para construção de sua identidade profissional. (BURNIER, et al, 2007, p. 347)

Quais são, portanto, os elementos que constituem a memória individual ou a coletiva?

Para Polak (1992) existem os acontecimentos vividos pessoalmente e aqueles vividos pelo grupo no qual o sujeito está inserido socialmente. Visto assim, podemos pensar que a memória é constituída por sujeitos e personagens que estão ou estavam presentes, direta ou indiretamente, durante a trajetória de vida do sujeito. Além de acontecimentos e personagens, podemos caracterizar lugares e espaços ligados a uma lembrança pessoal, vivenciados durante a infância, adolescência ou vida adulta.

Sobre esse assunto, Polak ressalta que

... a memória é um fenômeno construído. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização (POLAK, 1992. p. 4-5)

Neste caso, se a memória é construída, o que dizer então da memória herdada? Ao se referir sobre a memória herdada, Polak (1992, p.5) considera que

quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.

Visto por esta perspectiva, dizemos que a memória se traduz enquanto elemento essencial na construção da identidade, no sentido de que tanto a memória individual quanto a coletiva concebem um sentimento de continuidade e coerência de um indivíduo ou grupo em sua reconstrução de si (POLAK, 1992).

Dar voz aos professores diante de relatos de história de vida pode significar fazer com que o professor reflita e manifeste sua subjetividade e possa, assim, interpretar suas ações no plano individual e coletivo, buscando os valores que estão presentes na construção de sua identidade profissional. O professor ao revelar sua história e aquilo que dela fez parte, reconstrói-se ao longo da vida, possibilitando a compreensão de seus medos e anseios presentes em sua atuação profissional (BURNIER et al, 2007).

Disso depreende-se que quando reconstrói o passado, o professor reorganiza sua formação docente, restabelecendo aquilo que fez parte de sua infância até a vida adulta (SAVELI, 2006).

[...] A imagem que o professor constrói de si mesmo e perante a sociedade faz parte do processo constitutivo de sua identidade profissional. Esse processo está em constante transformação, reconstruindo-se ao longo da vida, de acordo com suas experiências sociais e individuais. [...] A construção identitária subsidiará a maneira como o homem se coloca perante o mundo e diante das relações de trabalho (BURNIER et al, 2007, p. 347).

Se assimilamos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo (POLAK, 1992, p.5).

Sendo assim, o professor desenvolve-se, ou melhor, constrói sua identidade social a partir de movimentos que realizou na superação de desafios encontrados no ambiente histórico no qual está inserido, sejam eles sociais, familiares, emocionais ou profissionais.

Dubar (1997) destaca que desde a infância o indivíduo constrói uma identidade sexual, uma étnica e uma de classe social, provenientes de seu convívio

familiar. Com o passar dos anos vividos, ampliam as interações entre seus pares e professores (na escola), com e a partir das quais o mesmo experimenta e aprimora sua identidade social.

Nesse percurso, o ingresso à escola pode se apresentar como um momento decisivo na constituição identitária, assim como a saída da mesma, precedida de sua entrada no mercado de trabalho, que pode colaborar na constituição da identidade autônoma do sujeito.

Segundo Dubar (1997), a identidade profissional revela-se em constante mutação no mercado de trabalho, já que questões tais como os níveis escolares, as taxas de desemprego, as origens sociais e as transformações tecnológicas, vêm se apresentando enquanto fatores importantes no processo de construção da identidade profissional, bem como as representações que este indivíduo faz de si mesmo e suas funções, as quais estão interligadas à sua história de vida, formação e profissionalização.

Se a construção da identidade profissional é também tarefa individual, ela está, porém, condicionada à estrutura social e histórica de cada contexto. Portanto, a profissão docente está em constante transformação, associada aos discursos que são apresentados pela mídia, pelo Estado, pelos movimentos sociais, pelas políticas públicas, entre outros, e que versam sobre a qualidade da escolarização, as novas práticas de ensino, as políticas educacionais, as condições de trabalho, a função social do professor e os programas de formação docente, bem como o processo de profissionalização. (BURNIER, et al, 2007, p.348)

Dubar (1997) argumenta ainda que, na construção autobiográfica de uma identidade profissional, um indivíduo necessita vivenciar as relações de trabalho, participando de atividades coletivas inerentes à profissão que escolheu desempenhar.

Saveli (2006) define o processo de construção da identidade profissional como

...uma fusão dinâmica de traços que caracterizam no tempo e no espaço, de maneira inconfundível, uma pessoa, um objeto ou qualquer outra entidade concreta. [...] O processo identitário vai sendo construído nos movimentos que o sujeito professor (a) consegue realizar para superar os desafios que enfrenta no contexto profissional, social e familiar (SAVELI, 2006, p.101).

Quando interpretamos as falas de muitos profissionais da educação, através de suas memórias individuais, podemos perceber o que foi construído ao longo de sua história de vida, seus conhecimentos adquiridos, as relações sociais estabelecidas, enfim, conseguimos observar como esta trajetória pessoal e profissional assumiu um papel relevante na formação de sua identidade (BURNIER, 2007).

Se é assim, a identidade profissional surge

[...] não como um dado adquirido, uma propriedade ou um produto, mas como algo que foi construído num lugar de lutas e conflitos. A partir desta afirmação entende-se que a identidade é constituída por múltiplas determinações e não há dicotomia entre a identidade pessoal e profissional” (SAVELI, 2006, p.102).

Se partimos do pressuposto de que esta identidade profissional não é algo nato, mas construído nas relações com o outro, podemos através das narrativas memorialísticas de histórias de vida explicar que

[...] as convicções dos docentes, seus desejos, expectativas diante da atividade profissional, o repensar sobre as práticas pedagógicas, a formação docente, sua função social, experiências pessoais, constituem-se também, em elementos que contribuem para a construção da identidade profissional. Esses elementos da subjetividade docente, por sua vez, estão marcados pelas experiências vividas pelos indivíduos ao longo de suas vidas, pelos discursos, pelas instituições e grupos aos quais tiveram acesso, participantes também da construção dos significados que esses docentes irão conferir às suas experiências em geral e à docência em particular (BURNIER et al, 2007, p.348).

Esta construção identitária instaura um processo de construção e reconstrução de um modelo social a ser almejado e perfaz as reações que estes profissionais sofrerão frente às funções inerentes ao papel social de ser professor, apropriando-se, negando e superando conhecimentos e experiências vivenciadas em seu espaço cotidiano de trabalho (SAVELI, 2006).

Partindo dessas premissas, nos perguntamos:

Este sujeito tornou-se professor como? Por quê? Como a ação pedagógica é influenciada pelas características pessoais de cada professor?

Nóvoa (1992) cita três AAA que sustentam o processo identitário dos professores.

- A de Adesão, porque ser professor implica sempre a adesão a princípios e a valores, a adopção de projectos, um investimento positivo nas potencialidades das crianças e dos jovens.

- A de Acção, porque também aqui, na escolha das melhores maneiras de agir, se jogam decisões do foro profissional e do foro pessoal. Todos sabemos que certas técnicas e métodos “colam” melhor com a nossa maneira de ser do que outros. Todos sabemos que o sucesso ou o insucesso de certas experiências “marcam” a nossa postura pedagógica, fazendo-nos sentir bem ou mal com esta ou com aquela maneira de trabalhar na sala de aula.
- A de Autoconsciência, porque em última análise tudo se decide no processo de reflexão que o professor leva a cabo sobre a sua própria acção. É uma dimensão decisiva da profissão docente, na medida em que a mudança e inovação pedagógica estão intimamente dependentes deste pensamento reflexivo. (NÓVOA, 1992, p. 16)

Para o autor, a identidade não é dada como um bem ou produto adquirido, mas sim, construída em um processo que carece de tempo, tempo este repleto de mudanças, valores, sentimentos, inovações e retrocessos. Ninguém se constitui no vazio. O processo identitário é formado a partir de trocas, experiências, interações sociais, aprendizagens; considerando a singularidade da história e, sobretudo, como cada sujeito reage e interage num dado contexto social e histórico, formando-se e transformando-se em interação. (NÓVOA, 1992)

A formação da identidade profissional de cada professor é, segundo Gonçalves (1992, p. 147), o resultado de três processos de desenvolvimento:

processo de crescimento individual, em termos de capacidades, personalidade e capacidade pessoal de interação com o meio; processo de aquisição e aperfeiçoamento de competências de eficácia no ensino e de organização do processo de ensino-aprendizagem; e processo de socialização profissional, em termos normativos ou de adaptação ao grupo profissional a que pertence e à escola onde trabalha, e interativos, pela reciprocidade de influências que estabelece entre si próprio e o meio em que desenvolve o seu múnus.⁴

Se caminharmos nesta direção, podemos pensar sobre a importância de se analisar o contexto histórico, social e econômico o qual este sujeito professor está inserido, pois a construção da identidade profissional acontece na relação deste sujeito com o meio.

Bueno (2002) refere ser necessário conhecer as funções que estes espaços sociais representam para estes indivíduos, como também sua intervenção

⁴ Encargo, emprego. Funções que um indivíduo têm de exercer.

sobre eles. Tais espaços são mediadores da relação existente entre o social e o individual, salienta a autora.

Quando pensamos nas experiências pessoais que estes professores tiveram, observamos que a identidade profissional aparece não como um dado adquirido, uma propriedade ou um produto, mas como algo que foi construído num lugar de lutas e conflitos (SAVELLI, 2006, p.102).

Para finalizar nossas reflexões neste momento, sugerimos ao leitor uma interlocução com Nóvoa (1992), que afirma que a construção da identidade passa pela habilidade de desempenhar com autonomia a atividade profissional, pelo sentido que se atribui ao trabalho. Disso, conforme Polak (1992), depreendemos que a ação pedagógica se apresenta fortemente influenciada por aquilo que somos como pessoa, pelas nossas características pessoais e individuais.

3 ANÁLISE DESCRITIVA DE MEMÓRIAS DE PROFESSORES

As narrativas de infância de três professoras são o ponto de partida para discutirmos as suas histórias de vida, as quais foram compartilhadas através de memórias.

O presente trabalho não pretendeu investigar profundamente a vida destas professoras, mas sim recortar alguns trechos ilustrativos que nos permitisse articular ideias a respeito da constituição das identidades destes sujeitos. Desde elementos como aspectos de sua meninice até experiências escolares, profissionais e com o universo social dos lugares em que cresceram, passando também por vivências de suas práticas educativas enquanto estudantes e educadoras foram percebidos por meio de narrativas orais realizadas através de entrevistas, que evocaram lembranças de infância e de um passado remoto.

Participaram da pesquisa três professores da rede estadual de ensino, com idades entre 32 e 50 anos. Foram realizadas três entrevistas orais, as quais foram gravadas e transcritas para uma posterior análise do processo de construção de suas identidades.

Primeiramente nos pautaremos na infância destas educadoras, evocando fatos e situações com significados particulares e singulares, acontecimentos que balizaram sua história e existência, reconstruídos a partir de um modo de pensar e sentir o mundo carregado de emotividade, sentimentos e valores.

As respostas nos mostraram que a possibilidade de falar e de serem ouvidas, pôde colaborar no processo de resgate de suas lembranças.

Percebemos que as professoras entrevistadas não apenas rememoraram suas vivências de um tempo vivido, mas permitiram-se aprofundar sua percepção histórica e por que não dizer, consciência histórica, como possibilidade de tanto rever como modificar algo carregado de significação.

Ao falarem de si, estas professoras puderam restaurar o sentimento de domínio de sua própria vida, da mesma forma que foi possível recuperar a

integralidade de sua personalidade. As histórias de vida permitem um olhar sob outra perspectiva, além de contextualizar o momento presente, podendo permitir um sentido novo ao caminho já percorrido por estas professoras (CATANI, 1997).

De um modo singular, reconstruíram passado e presente remoto, ao reconstruírem com novos sentidos uma infância representada por cheiros, sabores e paisagens; lembranças únicas, ainda presentes em seus pensamentos de adultos.

As professoras entrevistadas nesta pesquisa viveram suas infâncias em ambientes familiares muito acolhedores, os quais as levaram lembrá-los de maneira tranquila e feliz.

Ao contextualizarem os locais por onde passaram e viveram suas infâncias, os descreveram, evocando suas condições de vida, amigos que dela fizeram parte, recordando fatos que consideraram significativos sobre quem foram, onde aconteceram. Percebemos nestes relatos a importância das relações sociais e das mediações institucionais das famílias, além da forma como atribuem significado e reorganizam o espaço e o lugar pelos quais tomaram contato em suas histórias de vida.

Vale pensar também no modo como refizeram momentos e espaços, conferindo-lhes marcas muito fortes de elementos culturais, muitas vezes orientados por sensações e sentimentos.

Professora S.M.R: Eu vivi minha infância na cidade que eu moro até hoje que é Cambé que fica no Norte do Paraná e na mesma casa aliás. Meus pais se casaram, mudaram para a mesma casa e permanecem lá até hoje, e foi onde eu vivi minha infância junto com amigos que permanecem na minha vida até hoje, amigos verdadeiros, numa rua que tem uma praça na frente, tenho boas lembranças da minha infância.

A infância de S.M.R foi marcada pela alegria em viver em um lugar (a casa de seus pais) descrito como acolhedor, o qual ao lembrá-lo, podemos observar alguns detalhes, como a praça e os amigos que fizeram e fazem parte até hoje da vida desta professora. Tal infância aparece marcada pela vivência na casa dos pais, também observada no relato de outras duas professoras.

Professora M.C.A.E: Eu vivi no sítio, na casa de meus pais.

Professora C. M. R: *Eu vivi no sítio.*

Ao contrário da primeira professora que viveu sua infância em um ambiente urbano, as outras duas viveram-na em um ambiente rural, porém não menos acolhedor que o primeiro. As narrativas de vida ora apresentadas nos mostram as relações sociais e os acontecimentos vivenciados por estas professoras, as relações com a família e com os lugares vividos, os quais marcaram de maneira significativa suas infâncias.

Conforme Bulgacov et al (2006, p.138)

A identidade envolve diversas dimensões: o substantivo próprio que nomeia o ser, a posição social e da família, o ser membro de uma espécie, a perspectiva geográfica e as relações de poder em uma sociedade, inclusive as expectativas de futuro de um grupo.

Desde as relações sociais estabelecidas com aqueles elementos culturais até os espaços narrados, mostraram experiências que aproximaram-se e afastaram-se de suas representações e expectativas individuais e coletivas enquanto sujeitos socialmente inseridos.

BULGACOV et al (2006) diz que

o sujeito ao nascer está coligado a um conjunto de expectativas e de representações prévias que, internalizam-se, constituindo a identidade pressuposta. Neste sentido, o ambiente social e os significados atribuídos por este sujeito aos momentos da vida e às situações cotidianas apresentam grande importância na construção da identidade.

Pensando nas relações que são internalizadas e ao mesmo tempo repletas de significados e valores, notamos que estas professoras quando questionadas a respeito de algumas lembranças da infância, tais como fatos, pessoas, locais, acontecimentos, entre outros, relataram

Professora S.M.R : Acho que os amigos e o local, igual, eu comentei desta praça que tem em frente a minha casa. Quando eu penso na minha infância eu lembro desta praça, que eu brincava lá e tudo mais.

Professora M.C.A.E: Ai, eu gostava muito, eu subia em árvore, levava comida para o meu pai, colhia café, ajudava ele a esparramar o café, lavar o café, levantar de madrugada. Levava o almoço, passava naquele pasto cheio de gado. Eu gostei muito da minha infância, por ser assim, no sítio, não tinha televisão, só rádio. Eu guardo muito na minha memória coisas boas.

Professora C. M. R: Eu morava no sítio, brincava. Que era gostoso né. Quando eu lembro da infância, eu tenho saudades, eu não tinha preocupação.

Podemos observar o apreço destas professoras pelo local onde viveram suas infâncias, marcado por espaços, acontecimentos, fatos e valores sociais e emocionais muito expressivos.

Quando estas professoras comentam e descrevem sua infância, percebemos uma estima muito forte em relação às lembranças de criança, as brincadeiras que dela fizeram parte e à não preocupação sobre como foi o “ser” criança.

Aparece um espaço lúdico constituído por um modo de relação mantido com a rua e o espaço público que não prescinde do uso de aparelhos de TV ou rádio. Lima (1995, p.183 apud FERNANDES, 2002) descreve que

[...] é indiscutível que a apropriação do espaço pela criança se faz pelo jogo, pela brincadeira, pela simulação e encenação que ela inventa e vive, e que através deles vai desenvolvendo o seu conhecimento sobre o mundo concreto, a realidade social e seus papéis.

Neste sentido, os espaços da casa, espaços públicos, o quintal, o sítio, bem como os momentos de brincar e as relações pessoais estabelecidas nestes contextos aparecem como marcas muito fortes nas lembranças de infância dessas professoras. Ciampa (1986) expressa que

Encontrar um grupo com esses valores é encontrar vida. Num grupo assim, pode-se supor, cada individuo reconhece no outro um ser humano e é assim reconhecido por ele – sozinhos certamente não podemos ver reconhecida nossa humanidade, conseqüentemente não nos reconhecemos como humanos. Ter uma identidade humana é ser identificado e identificar-se como humano. (1986, p.38)

Nessa perspectiva, entendemos que esses grupos sociais, representados pela família, assim como pelos pares de grupos de vizinhança e outros, exercem papel essencial enquanto mediadores entre o social e o individual.

Sobre essa questão, Bulgacov et al (2006) observa que a identidade envolve a identificação do sujeito em relação ao grupo social, mas estende-se também pela diferenciação deste sujeito singular em relação ao grupo.

No âmbito destas discussões sobre a formação de professores, bem como sobre a construção de sua identidade, percebemos alguns discursos nos quais predominam a ideia de que a escolha da profissão é algo determinado por características pessoais “inatas”, como se fosse uma “vocação”. Bueno (2002) afirma que diversos fatores são determinantes na escolha da profissão docente. Visto desta forma, podemos ressaltar que a formação docente é um processo

contínuo, cujo princípio se dá muito antes do ingresso nos cursos de habilitação. A mesma autora atesta que esta formação identitária tem seu início no ambiente escolar ou até mesmo antes e prossegue durante todo o percurso profissional.

Outro elemento que chama a atenção é o fato de que a escola teve e ainda tem um papel significativo na história de vida destas professoras, marcando, de alguma maneira, o tempo em que estiveram presentes no ambiente escolar.

Professora S.M.R: Eu lembro das escolas que eu estudei, que foram duas, eu lembro do meu pai me levando, me buscando, do cheiro da minha lancheira que minha mãe mandava leite, acho que azedava, porque ficava com um cheirinho esquisito, mas era gostoso. Eu lembro do uniforme, de alguns amigos, mas da professora eu não lembro.

Professora M.C.A.E : Olha, eu levantava de manhãzinha. Minha mãe pegava uma fatia de pão que ela fazia em casa, uma banana e colocava em uma sacolinha e a gente ia para a escola. Andava assim, uns dois quilômetros no meio do café e lá eu gostava muito, tinha muitos amigos, a gente brincava muito, comprava muito pirulito, que era uma venda de antigamente. Eu gostava muito.

Estes relatos revelam lembranças repletas de significados emocionais. Desde o que era levado de lanche, bem como o cheiro da lancheira foi reconstruído como lembrança.

Observamos, nestes casos, uma semelhança nos relatos de S.M.R e M.C.A., pois, quando entrevistadas, pareceu-nos terem transportado-se àquela época da escola e à tais momentos singulares de suas histórias de vida. Diferentemente do que poderia se supor, tais experiências não desapareceram das lembranças destas professoras.

Professora C. M. R : Eu lembro que na escola eu ganhei uns livrinhos, que eu era a melhor aluna. Lembro da professora da primeira série que era muito boa, o que eu mais lembro é isso. Depois da quarta série, dos colegas.

Estas lembranças, conforme CATANI;BUENO;SOUZA (2000, p.165)

[...] convergem no sentido de mostrar que muitos dos aspectos envolvidos nas imagens e representações sobre o professor estão enraizados nas experiências infantis e na cultura do ensino, forjadas, especialmente, no contato e na convivência dos indivíduos com a própria escola.

Embora não tão visíveis, pode-se dizer que estas memórias, de alguma forma, permanecem vivas e atuantes ao longo da formação, dando sustento às relações que este aluno, mais tarde professor, acaba por estabelecer com a escola e com o conhecimento ao longo da vida (CATANI;BUENO;SOUZA, 2000).

As experiências com a escola, que têm início na infância, apontam para muitos aspectos envolvidos nas imagens e representações sobre o professor, então enraizados nas experiências infantis e na cultura de ensino. Tais experiências não desaparecem da história do sujeito, pois embora pouco visíveis, permanecem no seu imaginário e atuantes ao longo do processo de formação, dando base às relações que paulatinamente o aluno, mais tarde professor, acaba por estabelecer com a escola (CATANI; BUENO; SOUZA, 2000).

Nesse sentido, por serem parte de uma expressão social e histórica de suas vidas, participam da constituição do “ser” professor, enquanto uma escolha repleta de representações que são iniciadas nos primeiros contatos com a escola e não somente nos anos em que este sujeito permaneceu na graduação.

Professora M.C.A.E :Desde pequena eu gostava, gostava de dar aula, gostava de aprender, gostava de ensinar. Então eu assim, desde pequena eu pensava: um dia eu vou ser professora e vou ser igual a esta professora minha. Ai, quando eu voltava da escola, eu tinha uns primos que moravam perto de mim, ai eu pegava uma tábua de madeira branquinha e eles ficavam e eu os ensinava assim, que eu adorava, como a minha professora me ensinava. Ficava brava, pegava a régua, e fazia ficar quieto. Era autoritária com eles.

Professora C.M.R: Eu acho que era porque minha mãe era professora, minha irmã era professora e desde criança eu gostava de brincar de escolinha, escrever, sempre gostei.

A partir destas reflexões, consideramos que as representações e imagens de alguns sujeitos aparecem fortemente vinculadas à suas histórias de vida, às suas vinculações familiares e com professores com quem conviveram, que vieram exercer uma significativa influência em suas escolhas profissionais, que desde crianças sonhavam em se tornar o que são hoje.

Observamos que neste processo de construção da identidade, estas professoras muitas vezes se colocaram no lugar destes sujeitos, organizando

assim representações de si e do contexto social do qual faziam parte, ou mesmo metamorfoseando-se, como colocado por Ciampa (1986), tornando-se aquilo que gostariam de ser.

Em outros termos, é mister afirmar que a identidade não é algo dado e idêntico a si próprio, ela é um processo. Sendo assim, o grupo social e os significados atribuídos por este às circunstâncias ou aos momentos da vida apresentam grande importância para a sua construção.

A identidade envolve a identificação (igualdade) em relação ao grupo social, mas passa também pela diferenciação do indivíduo singular em relação ao grupo (BULGACOV et al, 2006). Sendo assim, Saveli (2006) menciona que as relações sociais cultivadas com o grupo, tais como a influência da família e de alguns professores, podem motivar a escolha da profissão. Podemos perceber esta afirmativa nos fragmentos da fala de uma professora, quando questionada sobre a influência da família na sua escolha profissional:

Professora S.M.R: Eu acho que inconsciente ela (mãe) teve. Inconscientemente sim. Pelo ambiente. Hoje eu vejo algumas atitudes da minha mãe como professora que eu repito isso e vejo como ela influenciou, a casa sempre cheia de livros, ela sempre corrigindo os cadernos, o ambiente de uma casa de professor que é diferente de um ambiente de outra casa. Sempre estava com um livro na mesa, algum comentário da escola, algum comentário de alguma coisa nova que lançou, alguém que aprendeu. Então eu acho que isto inconscientemente me influenciou na escolha. Hoje eu acho, eu acredito nisso, mas antes eu não acreditava não. Achava que tinha sido apenas uma escolha minha. Eu acho que foi uma escolha influenciada sim, por estes momentos, em casa com minha mãe.

Os relatos acima apontam que a escolha profissional vai se constituindo em movimentos de ser e estar diversos, movimentos estes de identificação, negação e superação de valores e significados, sejam eles conscientes ou não (SAVELI, 2006).

A formação da identidade profissional traz imbricada a necessidade de se instaurar um processo de desconstrução e reconstrução do modelo social do que é ser professor e, em muitas situações do que é escola e até mesmo, o que é aula ou sala de aula (SAVELI, 2006, P.103).

Nas falas das três professoras mencionadas acima, aparece a importância dada à escola, à figura do professor na sala de aula ou mesmo à figura da mãe ou irmã professora enquanto modelo social e profissional a ser buscado, mesmo que inconsciente. Tais experiências são, para Catani; Bueno; Souza (2000) em sua maioria articuladas à escolha profissional, podendo atuar como modeladores das práticas pedagógicas. Desse modo, estas experiências cumprem um papel determinante, mediante as imagens que vão se formando sobre ser professor, bem como sobre a escola como instituição social.

O valor das imagens e experiências vivenciadas e incorporadas desde a infância até a vida adulta sobre o professor possivelmente estão em conexão com imagens ideais de mestres, de ensino e de possíveis relações entre suas formas de conceber, de atuar e de se ver em relação ao trabalho docente (CATANI; BUENO; SOUZA, 2000).

Saveli (2006, p.103) complementa dizendo ainda que

[...] o processo de constituição do sujeito-professor está intimamente relacionado com as formas pelas quais os indivíduos assumem e reagem frente às funções inerentes ao papel social de ser professor.

Para as três professoras entrevistadas, o contato que estabeleceram com alguns professores na infância ou mesmo na graduação interferiram no processo de escolha profissional, bem como em sua construção identitária como docente. Percebemos nestes relatos que algumas relações que foram constituídas na infância ou mesmo na vida adulta facilitaram as vivências necessárias para o desenvolvimento dos elementos inerentes à identidade profissional.

Professora S.M.R: Eu entrei (na escola) e não queria me espelhar naqueles antigos professores que eu não gostava, mas ao mesmo tempo, eu vi que eles tem muita coisa para me ensinar. A gente não pode também descartar a experiência deles. Então eu vejo assim, que a cada ano eu sou diferente, enquanto professora. Eu sou uma professora bem diferente do que eu era no começo. Então, no começo estava tudo ainda muito novo na mente e eu achava que eu deveria quebrar tudo o que o ensino tradicional trouxe, que eu deveria ensinar uma história nova para os meus alunos. Hoje eu comecei a rever estas questões.

Professora M.C.A.E: Desde o primário eu queria ser professor, depois eu fui alimentando esta esperança, esta vontade e eu fiz magistério e eu gostava muito

de ver meus professores darem aula, a maneira como davam. Sempre gostei. Tinha uma fascinação em ser professora. Eu comecei foi na pré-escola. Eu adorava. Na época eu alfabetizava. Gostava muito. Eu sempre gostei de cantar com eles, brincar, ensinar para que eles aprendessem. O que eu dou hoje é a minha experiência. Eu leio muito, revista Nova Escola. Eu gosto de sempre me atualizar e procurar coisas diferentes para motivar a criança.

Professora C. M. R: No caso de história, das aulas que eu tinha de história, a professora falava, eu ficava imaginando. Então eu sempre quis fazer história. Às vezes a gente se espelha em alguém, algo que deu certo, ou mesmo através dos erros da gente, nós vamos aprimorando mais. Cada ano que passa, as aulas são melhores, eu procuro saber mais, então no começo foi mais difícil, mas com o passar do tempo...

Aparecem nestas falas afetos e sentimentos que foram construídos pelo outro (as professoras que tiveram) ou por coisas, as quais aconteceram juntas. Parece-nos tratar-se de uma produção e reprodução de acontecimentos que marcaram e interferiram na sua formação, enquanto docentes.

Bueno (2002) aborda que o sujeito se forma mediante a apropriação de seu percurso de vida, ou do percurso de sua vida escolar.

O processo de formação e identidade dos professores não é algo estático e linear, mas sim uma construção de inúmeros significados atribuídos no decorrer de suas histórias de vida. Assim, ao analisar as experiências profissionais vividas e narradas por estas professoras é possível observar a trama de significações construídas por elas ao longo de suas trajetórias pessoais e profissionais.

O processo identitário vai sendo construído nos movimentos que o sujeito professor (a) consegue realizar para superar os desafios que enfrenta no contexto profissional, social e familiar (SAVELI, 2006, p.101).

Quando permitimos a estes professores relatarem o processo de sua formação enquanto docentes, percebemos que a identidade profissional não foi um dado adquirido, mas algo construído em um determinado contexto social.

Professora S.M.R: Por exemplo: eu odiava que meus professores me dessem sermão. Às vezes eu paro a aula e dou sermão. Então, eu acho que a gente repete as práticas sim, porque está enraizado né! Por mais que você tente quebrar, sempre em algum momento eu vejo posições, não são a maioria, ainda bem! Mas

eu vejo posições que eu estou repetindo a prática dos meus antigos professores. É uma representação que eu tenho de professor, da memória, da concepção que você tem da família, de todas as esferas da vida, inclusive da vida escolar, então são lembranças que acabam sendo representações. Por mais que você quer quebrar aquele paradigma, em algum momento, por estar no inconsciente, por ser uma memória, ela vai voltar em algum momento. Ela pode voltar em forma de reflexão, onde você repete aquilo que a professora chata fazia e fala: - Nossa! Não acredito que eu fiz isso! Então você não lida só com aquilo que você aprendeu na faculdade, com aquilo que você lê, mas também com as suas memórias. Eu acho que o educador tem isso. Então são vivências, não tem como você fugir disso.

A partir da fala desta professora entende-se que

a identidade profissional vai se plasmando em um processo de construção permanente que só acontece no horizonte da conquista da autodeterminação e do vir-a-ser contínuo. [...] A identidade profissional é construída em uma relação mediática com o outro em que o sujeito professor se apropria, nega, supera conhecimentos e experiências enfrentados no espaço cotidiano do seu trabalho (SAVELI, 2006, p.102).

Nessa direção é preciso admitir que

os conhecimentos que dizem respeito à prática pedagógica não se acham contidos exclusivamente na teoria educacional, mas procedem, também, da experiência pessoal e social que tem lugar dentro e fora da escola. Isto supõe a existência de uma cultura pedagógica que extrapola o discurso científico, pois que é também produzida e partilhada socialmente pelos professores (CATANI, 1997, p. 36).

O trabalho com as histórias de vida destas três professoras nos permitiu um olhar sob outra perspectiva em relação às suas identidades, além de contextualizar o momento presente, dando um sentido novo ao caminho já percorrido por estas professoras.

O trabalho com estas memórias pôde ilustrar como estas professoras percebem a si mesmas nas tarefas escolares, nas suas relações com os alunos, com a escola, com os colegas de trabalho, mas para mais além, ajudaram a reconstruir seus passados, desde a infância, suas relações com pais, irmãos e com a família, bem como, o tipo de influência exercida por eles.

A reorganização do processo de sua formação docente mobilizou a exposição de sentimentos, medos, angústias, carências e alegrias; momentos marcantes na infância ou vida adulta. Além disso, as professoras e professores que foram expressivos, as decepções, os castigos, os desejos e frustrações, enfim, relatos que foram reveladores e que tiveram um peso significativo nos esforços de uma construção identitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu, entre outros aspectos, destacar a importância da história de vida, relatada sob forma de memórias, como uma fonte de pesquisa privilegiada quando se pretende investigar a relação que os sujeitos estabelecem com a docência. Assim, compreendemos durante esta pesquisa com as professoras, como também, nas referências estudadas, que os processos identitários docentes não são um resultado apenas das experiências vivenciadas no magistério ou mesmo durante os cursos de graduação, mas envolvem as diversas dimensões que perpassam as trajetórias de vida destes sujeitos, sua infância, meninice e vida adulta. A memória, nesta construção e reconstrução de lembranças, tem uma dimensão de preservação e esquecimento, incitando a estes sujeitos que voltem para si mesmos e se perguntem como se tornaram o que são, professores.

As professoras entrevistadas tiveram suas histórias de vida marcadas por uma formação profissional e pelo acúmulo de experiências anteriores ao exercício da docência. Desta forma, construíram uma imagem repleta de significados, da qual foi edificada ao longo das relações sociais estabelecidas dentro e fora da escola. Estas relações sociais fossem elas familiares, de amizade, formação ou profissionais, bem como, os sujeitos que estiveram presentes neste processo, tiveram um relevante sentido para estas professoras e influenciaram na constituição de suas identidades individuais e profissionais. Através dos relatos de suas histórias de vida ficou evidenciado que a identidade docente constitui-se nessas conexões entre passado e presente, intensamente metamorfoseada, como colocado por Ciampa (1986), por espaços e relações sociais, para além dos muros da escola, articulados em uma teia de significados, hábitos e valores oriundos dessa explosão e variedade de experiências. Conseguimos descobrir diante disso que o eu individual e o eu profissional não se dissociam, já que são características pessoais das quais estão interligadas durante a trajetória da história de vida de cada sujeito.

Nós, professores, somos formados e nos constituímos por uma multiplicidade de saberes. Ser professor não impera apenas nossa graduação, nosso ser professor é composto por saberes que nos construíram como profissionais desde muito antes de uma formação inicial em instituições de ensino. Tudo aquilo

que aprendemos dentro ou fora da escola nos forma como professores e irá influenciar nossas atitudes.

Nesse sentido, é possível dizer que as professoras entrevistadas que tiveram uma infância, meninice e vida adulta marcadas por acontecimentos sem traumas, mas ao contrário, por experiências boas e estáveis, tenderam a reproduzir no presente aquilo que entenderam como sendo mais positivo, oferecendo tais experiências aos seus alunos, por meio de sua prática como educadoras. Assim, o trabalho com as histórias de vida permite a valorização do sujeito enquanto agente de sua própria história. É um processo autoformativo, pois quando oportunizamos ao professor relatar sua história, podemos fazer com que o mesmo reflita sobre seu passado, ressignificando desta maneira seu presente e projetando seu futuro.

Diante disso, uma pergunta me vem à mente. Será que as escolas, bem como, as instituições de ensino superior estão pensando a formação de professores nessas dimensões, sem quantificá-los?

Acredito que a formação de professores necessita de apoio institucional, já que somos seres humanos constituídos em um processo de relações sociais permanentes. A formação de professores exige estudo e dedicação e a memória é uma fonte de pesquisa essencial para compreender a identidade docente.

Quando damos voz aos professores através de suas histórias de vida, abrimos espaço para que valiosas lembranças floresçam novamente, da mesma forma que futuros projetos possam ser reavaliados e almejados. E eu diria ainda que, além de dar voz aos professores, devemos permitir que se ouçam e se façam ouvir.

A paixão em ser professor, bem como, nossa identidade enquanto docentes não surge no vazio. Somos professores porque nos identificamos com o que fazemos, pois conseguimos transformar mentes e seres humanos, e nos transformamos também nesta relação dialética entre aluno-professor. A identidade docente é formada a partir de intensas relações, estabelecidas diariamente nas interações sociais, relações e reflexões que nos constituem enquanto professores. E ser professor não significa ser estático, mas sim mergulhar diariamente em reflexões e projetos que nos realizem enquanto seres humanos.

REFERÊNCIAS

BOSI, E. **Memória e sociedade**. Lembranças de velhos. São Paulo: Queroz/Edusp, 1994.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com história de vida de professores: a questão da subjetividade. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28 n.1 p 11-30, jan/jun 2002.

BUENO, Belmira Oliveira et al. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, ago. 2006 . Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 20 jan. 2009.

BULGACOV, Yára L. M; RIBEIRO, Andréia; COBALCHINI, Cláudia; SOUZA, Isabela; DIÓRIO, Zânia M. Uma investigação da construção da identidade. In: CAMARGO, Denise de; BULGACOV, Yára L. M.(org). **Identidade e emoção**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2006.

BURNIER, Suzana et al. Histórias de vida de professores: o caso da educação profissional. **Revista Brasileira de Educação**, vol.12 nº35. Rio de Janeiro, maio/agosto 2007.

CATANI, Denice Bárbara; BUENO, Belmira Oliveira; SOUZA, de Cynthia Pereira; Souza, Maria Cecília C.C. História, memória e autobiografia na pesquisa educacional e na formação. In: **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

CATANI, Denice B; BUENO, Belmira A. O; SOUZA, Cynthia P (org). **A vida e o ofício do professor: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração**. São Paulo: Escrituras, 1998.

CATANI, Denice B; BUENO, Belmira A. O; SOUZA, Cynthia P. de. O amor dos começos: por uma história das relações com a escola. **Cadernos de Pesquisa**: 2000, n.111, pp.151-171

CIAMPA, Antonia da C. **A estória de Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social**. Brasiliense: São Paulo, 1986.

Dubar, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Porto Editora: Portugal, 1997.

FERNANDES, RENATA SIEIRO. Memórias de menina. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 22, n.56, abr. 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 03 mar. 2009.

GONÇALVES, José Alberto M. A carreira das professoras do ensino primário. In: Nova, A. (org) **Vida de professores**. Portugal: Porto Editora, 1992.

JOSSO, Marie C. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as "histórias de vida" a serviço de projetos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 11-23, jul./dez. 1999.

NÓVOA, Antonio. **Vida de Professores**. Portugal: Porto Editora, 1992.

NUNES, Célia M. F.; CUNHA, Maria Amélia de A. A "escrita de si" como estratégia de formação continuada para docentes. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 50, p. 11-23, jul. 2005. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br>>. Acesso em: 1 maio 2009.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Revista Interações**, vol. VII, nº 13, jan/jun 2002. São Paulo

MATTOS, Ricardo M; CASTANHO, Marisa I. S; FERREIRA, Ricardo F. Contribuição de Vygotsky ao conceito identidade: uma leitura da autobiografia de Esmeralda. **Revista Estudo, Pesquisa e Psicologia**, vol. 3, jan-jun 2003, p. 119-138. Rio de Janeiro.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. O lugar da memória e a memória do lugar na formação de professores: a reinvenção da escola como uma comunidade investigativa. In: **Reunião Anual da ANPED**, 26, 2003. Disponível em: <<http://www.anped.org.br>>. Acesso em: 10 abr. 2009.

POLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.200-212.

SA, Celso Pereira de. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. **Revista Psicologia, Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 22 Jan. 2009.

SAVELLI, Esméria de Lourdes. Narrativas autobiográficas de professores: um caminho para a compreensão de formação. **Revista Práxis Educativa**. Ponto Grossa, v.1, p.94-105, jan/jun 2006.

ZANELLA, Andréa Vieira. **Atividade**, Significação e Constituição do Sujeito: Considerações à luz da Psicologia Histórico-Cultural. **Revista Psicologia em estudo**, Maringá, v. 9, n. 1, abr. 2004. Disponível em:<<http://www.scielo.br>>.Acesso em: 17 mai. 2009.

ANEXOS

Anexo A – Roteiro para entrevistas com os professores

Roteiro para entrevistas com os professores

Nome:

Idade:

Tempo de atuação:

Área de atuação:

Perguntas

- 1- Onde você viveu sua infância?
- 2- Como foi?
- 3- Há alguns fatos que foram marcantes durante sua vivência no ambiente escolar?
- 4- Quais foram e como ocorreram?
- 5- Você poderia nos contar estas experiências ?
- 6- E ser professor? Como e por que você se tornou professor? Como ocorreu esta escolha profissional?
- 7- Houve a influência de alguém durante o tempo em que esteve na escola para a escolha desta profissão? Você se espelhou em alguém?
- 8- Houve algum fato que marcou você nesta época?
- 9- Como se deu a construção do profissional que você é hoje?
- 10- Há alguns fatos ou memórias que influenciam na construção de sua prática profissional?

Anexo B – Entrevistas transcritas

Nome: S. M. R

Idade: 32 anos

Tempo de atuação: 10 anos

Área de atuação: História

Onde você viveu sua infância?

Eu vivi minha infância na cidade que eu moro até hoje que é Cambé que fica no Norte do Paraná e na mesma casa aliás, meus se casaram, mudaram para a mesma casa e permanecem lá até hoje, e foi onde eu vivi minha infância junto com amigos que permanecem na minha vida até hoje, amigos verdadeiros, numa rua que tem uma praça na frente, tenho boas lembranças da minha infância.

Tem mais alguma coisa sobre sua infância que vem a sua mente que você possa descrever?

Acho que os amigos e o local, igual eu comentei desta praça que tem em frente a minha casa. Quando eu penso na minha infância eu lembro desta praça, que eu brincava lá e tudo mais. .

Na sua infância, o que você lembra de vivências no ambiente escolar? Conte um pouco pra mim. Como foi esta passagem neste local, se há lembranças boas ou ruins.

Eu não tenho muitas lembranças concretas do meu ambiente escolar da infância. Eu lembro das escolas que eu estudei, que foram duas, eu lembro do meu pai me levando, me buscando, do cheiro da minha lancheira que minha mãe mandava leite, acho que azedava, porque ficava com um cheirinho esquisito, mas era gostoso. Eu lembro do uniforme, de alguns amigos, mas da professora eu não lembro.

De nenhuma? Que te marcou assim, em algum momento?

Não. Eu lembro da minha mãe, que deu aula para mim no pré III, que na época era pré III. Ela foi minha professora nesse nível, nessa série, mas lembro dela dando aula, das atividades que ela dava, de algumas atividades como o calendário, pintar o calendário do mês, lembro disso no pré né, mas eu não tenho lembranças de outras professoras.

E sobre ser professor? Quando você se viu diante desta escolha e como foi ela pra você? Lembra um pouco deste momento e desta experiência?

Na verdade, eu acho que eu não escolhi ser professor, eu escolhi fazer o curso de história, apesar de ter feito o magistério, não foi uma escolha só minha, não foi um curso que eu gostei de fazer, mas o curso de licenciatura de história, eu gostei. Então, eu acho que foi mais pelo curso, em aprender a fazer história, o curso, eu gostava muito de história, ai sim, eu tenho lembrança de duas professoras de história, de duas professoras específicas, que foram especiais, e então o que me levou a ser professor foi o curso de história. Eu não prestei o vestibular pensando em ser professor. Eu prestei vestibular pensando em fazer história, agora o que eu ia ser eu ainda não sabia.

E assim, algum professor influenciou você nesta escolha ou não?

Eu acho que meus professores de história, que eram apaixonados pela disciplina, que levavam coisas diferentes para a sala de aula, que me transportavam para aquele mundo passado, aqueles povos antigos, aquelas antigas religiões, tudo aquilo para mim era muito fascinante, então eu queria saber mais sobre aquilo.

Você descobriu isto durante a graduação? Antes da graduação?

Não, antes eu não sabia que eu queria ser professor.

Nem quando você fez magistério a sua intenção não era ser professor?

Não, não era ser professor.

Então você descobriu isto no momento da graduação, que teve a influência de alguns professores?

Sim, também. E também influencia do estágio em história na graduação, as pesquisas para preparar as aulas, tudo isso, eu comecei a me apaixonar por isso, pela disciplina. Hoje, eu já dei aulas de outras disciplinas, hoje eu gosto de dar aulas, mas no começo eu gostava só da disciplina e não de dar aula.

E sua mãe também não te influenciou, por ela ser professora, de ver o processo como era. Ela não teve influência?

Eu acho que inconscientemente ela teve. Inconscientemente sim. Pelo ambiente, hoje eu vejo algumas atitudes da minha mãe como professora que eu repito isso e vejo como ela influenciou, a casa sempre cheia de livros, ela sempre corrigindo os cadernos, o ambiente de uma casa de professor que é diferente de um ambiente de outra casa. Sempre estava com um livro na mesa, algum comentário da escola, algum comentário de alguma coisa nova que lançou, alguém que aprendeu, então eu acho que isto inconscientemente me influenciou na escolha. Hoje eu acho que eu acredito nisso, mas antes eu não acreditava não, que tinha sido apenas uma escolha minha. Eu acho que foi uma escolha influenciada sim, por estes momentos, em casa com minha mãe.

Pelas lembranças mesmo que inconscientes?

Sim, acho que influenciou.

E a sua trajetória enquanto professor, desde que você iniciou. Conta pra mim como foi. Como ocorreu esta trajetória, desde o começo até hoje?

Bem, eu me formei e demorei um pouco para começar a dar aulas e depois eu dei entrada na minha dissertação e então eu comecei a dar aulas de história. É, eu sou uma professora bem diferente do que eu era no começo, então no começo estava tudo ainda muito novo na mente e eu achava que eu deveria quebrar tudo o que o ensino tradicional trouxe, que eu deveria ensinar uma história nova para os meus alunos. Hoje eu comecei a rever estas questões.

Diferente da época que você esteve na escola? Você não queria ser igual aos professores..

Ah sim, claro! Eu entrei e não queria me espelhar naqueles antigos professores que eu não gostava, mas ao mesmo tempo, eu vi que eles tem muita coisa para me ensinar. A gente não pode também descartar a experiência deles. Então eu vejo assim, que a cada ano eu sou diferente, enquanto professora. Tem ano que eu me frustro mais, que eu acho que não fiz um bom trabalho, tem ano que eu acho que fiz um bom trabalho. Hoje eu entendi que a educação não é estática. Hoje eu entendi que eu não vou nunca estar completa como educadora, tem que ter mudanças. Tem momentos que eu vou estar mudando para melhor e tem momentos que eu vou mudar para pior. Eu acho que são fases que o educador passa também. Não é uma profissão fácil, então você tem que às vezes lidar com questões que você não gostaria de lidar, não aprendeu na faculdade isto, você tem que lidar com estas questões, então isto frustra muito em alguns momentos. Tem ano que você está muito cansada, você vai render menos. Mas uma coisa eu acho que aprendi: todo o ano é diferente, que toda sala é

diferente, mesmo sendo a mesma série e que a educação vai ser teste. Alguns vão dar certo, outros não. Mas, a gente vai sempre estar tentando.

*E assim, você fez a graduação na Uel, depois fez uma especialização, como foi?
Fiz a minha graduação na Uel, foi licenciatura. Depois eu fiz uma especialização em História Social na Uel e depois mestrado em História Cultural na Unesp, em Assis e assim, hoje, eu sou professora pública do Estado do Paraná, então assim, eu faço alguns cursos que o Estado oferta e também seleciono alguns matérias que eu leio na minha casa, não só de preparar a aula, mas também um momento de estudo, mas que foca para a educação não só para a historiografia, antes era só para a historiografia da minha área. Hoje como eu vejo que eu gosto de ser professora, eu pesquiso mais sobre a pedagogia do que sobre a história mesmo.*

Você me falou anteriormente que quando você fez magistério você não queria ser professora e hoje eu percebo que você gosta, você mudou de opinião, de não gostar, de não querer para amar assim..

Eu acho que eu era muito imatura, pra ser uma educadora, eu era muito nova para o magistério. Tem pessoas que já entram e são apaixonadas, mas eu não, eu não gostava de preparar aulas, eu não gostava de dar aulas. Nosso estágio era um martírio pra mim, agora na graduação, por uma questão de vida pessoal também, que eu tive que amadurecer neste período, eu também amadureci para este lado, pela escolha profissional. Acho que foi isso.

E assim hoje, como você atua na área, o relacionamento seu com os alunos, como que você vê isso, a forma de ensinar, de relacionar, de disciplinar, sua identidade, como ela se formou?

Eu acho que ela ainda não se formou. Porque que eu falo isso. Eu vejo muitas vezes que em alguns momentos eu me posiciono de uma forma, que depois eu falo “você não deveria ter feito isso”, eu tento sempre trabalhar a educação dentro de uma educação afetiva, que eu acho que isso influencia muito. Mas, em alguns momentos eu vejo que isso não dá certo em algumas salas, que são indisciplinadas, ou eu entro e não acho um jeito de tratar, tem aulas que eu acho, tem aulas que não. Eu acho que eu não me formei ainda como educadora, eu acho que nunca eu vou me formar, pois cada vez que você acha uma “receita”, vem outra sala e desestrutura totalmente sua “receita”. Então com aquela sala não funciona. Aí você tenta uma, tenta duas, tenta outra forma, você pesquisa. A educação é um laboratório, é teste em cima de teste. Você nunca vai ter uma “receita” pronta.

Você acha que em alguns momentos você se pega reproduzindo algo que anteriormente não admitia?

Ah, várias vezes! Por exemplo: eu odiava que meus professores me dessem sermão. As vezes eu paro a aula e dou sermão. As vezes eu faço uma proposta e vejo que eles não estão colaborando. As vezes nas questões de prova, eu falo: - Nossa! Que questão mais tradicional, por que eu coloquei esta questão? Mas eu vejo que eu tive que cobrar aquilo em algum momento, cobrar aquele conteúdo. Então, eu acho que a gente repete as práticas sim, porque está enraizado né, por mais que você tente quebrar, sempre em algum momento eu vejo posições, não são a maioria, ainda bem, mas eu vejo posições que eu estou repetindo a prática dos meus antigos professores. É uma representação que eu tenho de professor, da memória, da concepção que você tem da família, de todas as esferas da vida, inclusive da vida escolar, então são lembranças que acabam sendo representações. Por mais que você quer quebrar aquele paradigma, em algum momento, por estar no inconsciente, por ser uma memória, ela vai voltar em algum momento. Ela pode voltar em forma de reflexão, onde você

repete aquilo que a professora chata fazia e fala: -Nossa, não acredito que eu fiz isso! Então você não lida só com aquilo que você aprendeu na faculdade, com aquilo que você lê, mas também com as suas memórias. Eu acho que o educador tem isso. O educador, o pai, a mãe. As vezes você fala: -Nossa, acabei de repetir o que minha mãe fazia. Então são vivencias, não tem como você fugir disso.

E você se sente mal por fazer isso ou não?

Em alguns momentos sim. Eu penso assim, várias coisas funcionaram para mim, será que irão funcionar para os meus alunos? Não dá pra saber, porque é uma outra geração. Por isso que é complicado, a educação é contínua, vai modificar sempre. Ainda bem, hoje os jovens são muito intensos, as mudanças são muito intensas. Então você não sabe o que vai atingir o seu aluno. Está mais difícil hoje, porque antes eram poucos estímulos, hoje são muitos estímulos. Então achar a formula, e às vezes você não sabe qual formula vai atingir. Às vezes eu penso: -Ah, aquilo que o meu professor fez foi bom pra mim, mas para o meu aluno não sei se vai ser. Eu me questiono então, o que você fez com o seu aluno foi bom pra você, você repetiu aquela prática, mas você viu que não deu resultado. Deu há vinte anos atrás.

Nome: M.C.A.E

Idade: 50 anos

Tempo de atuação: 20 anos

Área de atuação: Ensino Fundamental

Onde você viveu sua infância?

Eu vivi no sítio, na casa de meus pais.

Mas como que foi?

Ai, eu gostava muito, eu subia em árvore, levava comida para o meu pai, colhia café, ajudava ele a esparramar o café, lavar o café, levantar de madrugada. Levava o almoço, passava naquele pasto cheio de gado. Eu gostei muito da minha infância, por ser assim, no sítio, não tinha televisão, só rádio. Eu guardo muito na minha memória coisas boas.

Na sua infância, o que você lembra de vivências no ambiente escolar? Conta um pouco para mim...

Olha, eu levantava de manhãzinha. Minha mãe pegava uma fatia de pão que ela fazia em casa, uma banana e colocava em uma sacolinha e a gente ia para a escola. Andava assim, uns dois quilômetros no meio do café e lá eu gostava muito, tinha muitos amigos, a gente brincava muito, comprava muito pirulito, que era uma venda de antigamente. Eu gostava muito. Depois eu reprovei o primeiro ano lá, vim para a cidade, estudei no Olavo Bilac. Fui feliz, gostei muito.

Você tinha muitos amigos na escola?

Eu tinha, só que eu era um pouco cabeça dura e ficava sempre de castigo.

E como que a professora fazia? Ela era brava?

Era. Eu posso contar que eu não sabia a tabuada, eu e mais cinco amigos, ela pegou uns pedacinhos de giz e nos fez ficar mais de uma hora ajoelhados para decorar a tabuada. E até hoje eu aprendi a tabuada, pode perguntar do jeito que for que eu sei.

E sobre ser professor? Quando você se viu diante desta escolha e como foi ela pra você? Lembra um pouco deste momento, desta experiência...

Ai, quando eu voltava da escola, eu tinha uns primos que moravam perto de mim, ai eu pegava uma tábua de madeira branquinha e eles ficavam e eu os ensinava assim, que eu adorava, como a minha professora me ensinava. Ficava brava, pegava a régua, e fazia ficar quieto. Era autoritária com eles. .

E essa vivência no ambiente escolar te influenciou a ser tornar professor...

Desde pequena eu gostava, gostava de dar aula, gostava de aprender, gostava de ensinar. Então eu assim, desde pequena eu pensava: um dia eu vou ser professora e vou ser igual a esta professora minha. Eu tive professoras que eram bastante amigas, e tive professoras ruins também, mas neste ponto assim, de ser enérgica eu sou, mas eu peguei (este jeito) porque eu gostava, sempre gostei, desde criança. .

A sua trajetória enquanto professor, desde que você iniciou, conta para mim como foi...

Eu comecei foi na pré-escola. Eu adorava, na época eu alfabetizava. Gostava muito. Eu sempre gostei de cantar com eles, brincar, ensinar para que eles aprendessem.

E depois, vc continuou dando aula na pré-escola ou mudou...

Trabalhei no primário, trabalhei na APAE, trabalhei meio ano na APAE com crianças com dificuldades, não continuei, não me lembro por que. Fui chamada para trabalhar lá (APAE) ai voltei para a minha antiga escola no município. Eu gosto do que eu faço, mas os alunos de antigamente, apesar de classes maiores, eles respeitavam mais, eles eram muito amigos. Hoje as crianças não tem educação. Tem que chamar muita a atenção deles para conseguir, mas eu tenho bastante domínio de sala e gosto do que eu faço.

E sobre se tornar professor, vc acha que teve influencia de algum professor da sua época?

No magistério que eu gostava muito de uma professora, a N., que era uma pessoa muito boa e que me influenciou bastante.

Mas e o seu jeito de lidar com os alunos...

O que eu dou hoje é a minha experiência. Eu leio muito, revista Nova Escola. Eu gosto de sempre me atualizar e procurar coisas diferentes para motivar a criança. Desde o primário eu queria ser professor, depois eu fui alimentando esta esperança, esta vontade e eu fiz magistério e eu gostava muito de ver meus professores darem aula, a maneira como davam. Sempre gostei. Tinha uma fascinação em ser professora.

Nome: C. M. R

Idade: 46 anos

Tempo de atuação: 17 anos

Área de atuação: História – Ensino Médio

Onde você viveu sua infância?

Eu vivi no sítio.

Mas como ela foi? Conte um pouco para mim...

Eu morava no sítio, brincava. Que era gostoso né. Quando eu lembro da infância, eu tenho saudades, eu não tinha preocupação. .

E você sempre morou no sítio?

Depois com 11 anos eu vim para a cidade estudar na casa da minha tia.

Na sua infância, o que você lembra de vivências no ambiente escolar? Conta um pouco para mim...

Eu lembro que na escola eu ganhei uns livrinhos, que eu era a melhor aluna. Lembro da professora da primeira série que era muito boa, o que eu mais lembro é isso. Depois da quarta série, dos colegas.

Não lembra mais nada, assim, do ambiente escolar?

Então essa professora da primeira série, que era uma japonesa, que se chamava acho que era Helena. Ela marcou bastante.

E sobre ser professor? Quando você se viu diante desta escolha e como foi ela pra você?

Eu acho que era porque minha mãe era professora, minha irmã era professora e desde criança eu gostava de brincar de escolinha, escrever, sempre gostei? .

E você fez magistério?

Magistério.

E depois do magistério?

Fiz história.

Onde?

Na Uel.

E depois você fez alguma especialização?

Fiz em Assis.

Então desde pequena você quis ser professora?

Sempre, eu sempre gostei. Assim, depois de adulta se eu fosse fazer o que eu gostaria, se eu pudesse fazer, não agora né, era agronomia, porque eu gostava de mexer com terra, essas coisas... .

E a sua trajetória enquanto professor? Houve a influência de alguém nesta escolha?

Não, assim, no caso de história, das aulas que eu tinha de história, a professora falava, eu ficava imaginando. Então eu sempre quis fazer história.

E a tua família, além de sua mãe, alguém mais te influenciou?

Não, eu acho que não.

E você guarda na sua memória alguns fatos que puderam te influenciar em ser o professor que você é hoje?

É, as vezes a gente se espelha em alguém, algo que deu certo, ou mesmo através dos erros da gente, nós vamos aprimorando mais. Cada ano que passa, as aulas são melhores, eu procuro saber mais, então no começo foi mais difícil, mas com o passar do tempo.

Houve alguns fatos que marcaram você neste tempo de carreira docente? Pessoas ou mesmo os alunos?

É legal assim que tem alunos que você encontra, depois de alguns anos e fala: - Ah, professora, eu passei lá no vestibular, e foi graças a você, a sua aula ou livro que você me deu, que você me emprestou, tem assim uns fatos marcantes, que é assim gratificante.